

Prostitutas são atendidas pela Igreja Católica

Folha de S. Paulo
LAERTE ZIGGIATTI

Padre João Francisco Jobard, pertencente ao grupo de padres franceses do Instituto Santiago, a serviço da Igreja, na América Latina, exerce uma das tarefas mais difíceis, um trabalho paciente realizado junto às prostitutas confinadas no bairro de Itatinga, em Campinas, São Paulo. Consciente das dificuldades que enfrenta, não tem grandes pretensões, nem estabelece prazos para sua missão: "Trabalhar com prostitutas com o objetivo de libertá-las da humilhação e exploração em que vivem, é uma tarefa cujos resultados são palpáveis apenas a longo prazo. Requer muita paciência. No momento, o que me encoraja é a satisfação de escutá-las e a confiança que me depositam."

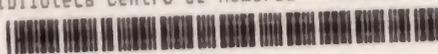
Padre Chiquinho, como é conhecido, trabalhou nove anos no Paraná, em Comunidades Eclesiais de Base rurais. Está em Campinas desde 1979, estabelecendo seu campo de ação no Jardim Itatinga, local para onde foram confinadas as casas de prostituição da cidade.

Visitas diárias, de casa em casa, marcaram o início de seu trabalho. Hoje, padre Chiquinho é figura conhecida no bairro e goza de confiança irrestrita, mesmo porque procura trabalhar com discrição e respeito, evitando qualquer pretensão salvacionista. Preocupa-se, antes de tudo, em situar-se ao lado das prostitutas, como amigo disposto a escutá-las, consciente das limitações existentes nesse trabalho.

O primeiro passo foi fazer levantamento geral das casas, do número de mulheres e problemas existentes. Nas primeiras visitas procurou apenas conhecer e ouvir. "Evitei chegar como um padre moralizador, culpabilizador, mais atento, porém, às suas confissões de sofrimentos." Depois de um mês, organizou encontro, do qual participaram quarenta e cinco prostitutas. No encontro, propôs discussões, em grupo, sobre o que achavam de errado consigo mesmas, no trabalho, na Igreja e no mundo, além de desafiá-las a apresentarem soluções. "Isso contribuiu muito para organizar o trabalho, ao mesmo tempo em que facilitou o entrosamento entre todos — diz padre Chiquinho.

Estabelecido certo grau de aproximação, ele propôs uma excursão de ônibus para Aparecida do Norte, para que as moças cumprissem promessas pendentes, visando, com isso libertá-las de dívidas morais. "Em reuniões subsequentes, procurei passar-lhes a visão de um Cristo que ama, que perdoa, a

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030751

idéia de que Deus não rejeita ninguém e escuta os gritos de quem sofre, com a finalidade de eliminar sentimentos de culpa e de inferioridade."

Nestas reuniões, Padre Chiquinho procurava introduzir a esperança concreta de uma vida melhor, tentando esclarecer uma real possibilidade de se abandonar a prostituição. O lado psicológico e religioso era enriquecido por questões bem objetivas sobre as causas sócio-econômicas que condicionam o comércio do próprio corpo. Discussões que abordavam desde a desestruturação familiar e desemprego, até os casos individuais marcados por traumas causados por uma educação sexual inadequada.

A reflexão, portanto, foi o ponto de partida de um trabalho des preocupado com resultados imediatos. Na opinião do padre Chiquinho, "não adianta forçar nada. Meu trabalho não se identifica com certos tipos de ação externa de pressão. Tirá-las, por exemplo, para encerrá-las num convento ou em outro local, não recupera ninguém. O jeito é estar em seu ambiente, viver junto, escutar, orientar, de modo a proporcionar-lhes condições para, um dia, decidirem sair, por elas mesmas, sem nenhuma pressão".

O trabalho de reflexão vai sendo aos poucos substituído por ações concretas que abram alternativas à situação. Com ajuda do Instituto Santiago, padre Chiquinho alugou, no bairro, uma casa, que será utilizada, segundo escolha das prostitutas, como capela para cursos de batismo e missa, para cursos profissionalizantes de corte, costura, crochê, bordado e para serviços de atendimento médico, psicológico e jurídico.

Ele é de opinião que o problema não se resolve simplesmente com a obtenção de uma nova profissão. Acredita que o mais difícil vem depois, no período de readaptação à sociedade. Muito marcada por sua experiência, a prostituta sofre muito preconceito do meio, assim como retém um profundo complexo de culpa e inferioridade. "Isso tudo poderá resultar numa volta repentina à prostituição. Por isso, considero muito importante a formação, na cidade, de grupos de apoio com conteúdo afetivo. A organização de famílias que possam recebê-las eventualmente para uma conversa amiga, compreensão e ajuda em momentos de crise. Acredito muito em soluções por via afetiva. Escutar, para mim, é a palavra-chave do trabalho".